

PRÁTICAS MEDITATIVAS, EDUCAÇÃO E PERSPECTIVA DECOLONIAL

MEDITATIVE PRACTICES, EDUCATION AND DECOLONIAL PERSPECTIVE

Renata Sieiro Fernandes¹

Beatriz Bertassi²

Norma Silvia Trindade de Lima³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo levantar indícios de possibilidades de enfrentamento e superação dos pilares que sustentam a Modernidade/Colonialidade a partir da abordagem decolonial, no campo educativo das práticas meditativas. Os dados são oriundos de levantamento e estudo de produções encontradas no Google Acadêmico, nos portais da Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Referem-se a uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfico-documental, de objetivos descritivos e analíticos. As análises tomam como base o pensamento de autoras/es sob a perspectiva decolonial. Há fortes indícios, a partir do referencial teórico, de que os dados apontam para um fortalecimento da postura a-política, de ausência ou incipiente engajamento direto, do sujeito em detrimento do social, que ajudam a fazer a permanência e reafirmação do status quo, isto é, dos pilares da Modernidade/Colonialidade.

Palavras-chave: Meditação. Educação. Decolonialidade. Práticas educativas.

ABSTRACT

This article aims to raise evidence of possibilities for coping and overcoming the pillars that support Modernity / Coloniality from the decolonial approach,

¹ Grupo Educação, Linguagem e Práticas Culturais - PHALA/UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil. Pesquisadora convidada do Instituto Superior de Ciências da Educação, Centro de Estudos Multidisciplinar "Eduardo Kambwa", de Luanda-Angola. Pós-doutora em Educação pela UNICAMP. e-mail: rsieirof@hotmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2759-143X>

² Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL, Americana, São Paulo, Brasil. Mestra em Educação pelo UNISAL. e-mail: biabertassi@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5135-0914>

³ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil. Doutora em Educação pela UNICAMP. e-mail: normatl@unicamp.br Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6728-4675>

in the educational field of meditative practices. The data come from a survey and study of productions found on Google Scholar, on the portals of the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD). They refer to a qualitative research, bibliographic-documentary, with descriptive and analytical objectives. The analyzes are based on the authors' thinking under the decolonial perspective. There is strong evidence, based on the theoretical framework, that the data point to a strengthening of the a-political stance, of absence or incipient direct engagement, of the subject at the expense of the social, which help to make the status quo remain and reaffirm, that is, the pillars of Modernity / Coloniality.

Keywords: Meditation. Education. Decolonality. Educational practices.

INTRODUÇÃO

Este artigo toma a meditação como tema de estudo no campo da Educação, entendendo que envolve práticas e processos formativos por meio de grupos institucionalizados ou não e individualmente, nos ambientes domiciliares.

Na educação formal, o uso da meditação em práticas e processos educativos têm se focado no aprimoramento de habilidades socioemocionais, como reação e resistência ao stress (CARPENA, MENEZES, 2018), que correspondam a comportamentos aceitáveis e disposição motivacional, de forma a facilitar a aprendizagem do que se ensina a partir do currículo, por meio de curiosidade e interesse (MENEZES, FIORENTIN, BIZARRO, 2012), resultando em melhora de rendimento ou performance acadêmica (RAHAL, 2018) e, supostamente, em desenvolvimento.

Considerando que o campo da Educação se constitui, didaticamente, pela educação informal, não formal e formal, o interesse deste artigo se centra em estabelecer relações epistemológicas entre os objetivos pessoais e os projetos societários presentes nas motivações e iniciativas que ocorrem nas práticas meditativas, fora dos âmbitos formais, escolares. Toma-se como referência o conceito de educação não formal a partir de Fernandes e Mazza (2018, p. 509).

Por educação não formal entendem-se os processos e as ações de formação que acontecem o tempo todo, em muitos lugares e postas em práticas por diferentes agentes de forma

intencional, para além dos espaços escolares. O termo não formal, embora não seja o mais adequado, porque os processos não se definem por sua negação e, sim, por sua positividade, tem sido empregado por servir, didaticamente para se pensarem outros espaços e tempos de educação que não os formais-escolares, que constroem estratégias, táticas e, talvez, metodologias apropriadas às práticas e aos discursos que pretendem deflagrar. Desta forma, a contribuição da educação não formal é no sentido de refletir sobre o campo da educação ampliando suas possibilidades de entendimento e de ações propositivas, que levem em conta os conhecimentos produzidos nas áreas da cultura, arte, lazer, meio ambiente, patrimônio, saúde etc, em interface com a educação.

Por meio de um recorte bibliográfico e documental, destacam-se problemáticas, sujeitos, espaços e tempos mais particulares nesse determinado campo educacional, o não formal, a fim de se buscarem indícios de possibilidades de enfrentamento e superação dos pilares que sustentam a Modernidade/Colonialidade a partir da abordagem decolonial.

Os dados construídos recortados pertinentes a esse objetivo são oriundos de levantamento e estudo de produções investigativas acerca do tema encontradas no *Google Acadêmico*, nos portais da Scientific Electronic Library Online (SciELO) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Referem-se a uma pesquisa de Mestrado, que se define como sendo de cunho teórico e empírico, sob a abordagem qualitativa, do tipo bibliográfico-documental, de objetivos descritivos e analíticos.

As análises tomam como base o pensamento de autoras/es sob a perspectiva decolonial. Tal referencial teórico-analítico problematiza a lógica da Modernidade/Colonialidade e seus paradigmas epistemológicos hegemônicos marcadamente capitalista, patriarcal, racista, extrativista, eurocêntrico e colonizador.-

Estruturalmente, o artigo apresenta, inicialmente, o histórico de surgimento e traslado dos conceitos e práticas meditativas desde o Oriente para o Ocidente, em diálogo com o pensamento decolonial, que por um lado, discute a invenção do outro como tentativa de apropriação e transposição para determinado contexto de uma epistemologia alinhada aos interesses hegemônicos. Por outro, considera possibilidade de intervenção e resistência, a partir

de brechas, gretas e fissuras, anunciando a necessidade de uma mudança social em busca de modos outros de vida, de pensar e de sentir, implicados em perspectivas pluriversais.

Na sequência, o percurso metodológico e os resultados da busca bibliográfica são descritos e as interpretações são apresentadas. E, por fim, as considerações.

DESENVOLVIMENTO

Quanto ao surgimento da meditação, Willard Johnson (1995) considera a possibilidade de as pessoas a terem experienciado a cerca de cem mil anos atrás, devido à domesticação do fogo. Segundo o autor, este acontecimento proporcionou a ampliação da consciência, uma vez que a proteção contra o frio e o perigo da escuridão permitiram alcançar o estado de êxtase⁴. Prática essa que seria sentar-se ao entorno da fogueira e desligar a mente dos instintos de sobrevivência.

O estado de êxtase pode ter sido o primeiro encontro que as pessoas tiveram com a prática meditativa. Johnson (1995) cita que os momentos possíveis de alcance de um êxtase inconsciente aconteceriam após a execução de atividades instintivas que causam o esvaziamento da mente e da ansiedade. Seriam elas, a sensação pós-orgasmo, os minutos próximos da morte e a sensação de saciar a fome.

Ainda em Johnson (1995), o primeiro registro escrito sobre o êxtase meditativo aparece no norte da Índia, no documento mais antigo da literatura hindu, o *Rigveda*⁵, por volta de 1500 a.C. A partir dessa fonte religiosa é possível interpretar que a prática meditativa que ocorria neste momento tinha o objetivo de alcançar o êxtase de forma consciente.

No Hinduísmo a meditação é uma das práticas espirituais que leva à unicidade com o divino ou a divindade Brahma. Moraes (2019) considera que, no hinduísmo antigo, a contemplação também estava presente na yoga para se alcançar a divindade. Por isso, ainda nas escritas do *Rigveda*, a prática meditativa aparece por meio do termo

4 Para Johnson (1995), a palavra êxtase significa estar “fora do lugar costumeiro”, ou seja, vivenciar uma nova experiência.

5 Livro escrito em sânscrito, composto por mil e vinte oito hinos destinados ao louvor dos deuses. É considerado uma das escritas mais antigas da humanidade.

contemplação como um dos atos da yoga, exercício de destreza que prepara a mente para acessar os xamãs.

A partir das considerações de Johnson, compreende-se que o *Rigveda* apresenta uma apropriação da meditação como atividade contemplativa hinduísta, a qual era anteriormente associada ao “Universo mágico do êxtase, sob domínio dos magos [...]” (MORAES, 2019, p. 225-226).

As antigas culturas orientais e asiáticas não possuem fronteiras definidas entre conhecimento religioso, artístico, filosófico e científico, essa distinção é tipicamente ocidental moderna⁶. Portanto, o que se tem no *Rigveda* é uma significação da meditação pautada no êxtase feita pelos hinduístas, mas que ganha maior propagação por meio da influência no cotidiano dos fiéis hindus. (WEBER, 2004 *apud* MORAES, 2019).

Em Johnson (1995), o termo “meditação” aparece nas escritas upanixades⁷ do budismo primitivo, em 400 a.C.⁸. O autor aponta que após a morte de Buda, em 480 a.C no norte da Índia, inúmeros seguidores cumpriram a missão de difundir os seus ensinamentos durante os dois séculos que sucederam. Em 300 a.C, a meditação descrita de um modo mais explícito e disciplinado pela literatura taoísta⁹, é atribuída primeiro a Lao Tzu (mestre Lao) e a Chuang-Tzu (mestre Chuang), na antiga China. Na Índia, a meditação compõe parte do culto ao soma¹⁰ bem como novas interpretações sobre a expansão da consciência.

Alguns fatos marcam essa diferente forma de conscientização ocorrida com os indianos e indianas do norte. Por volta de 500 a.C., já se tinha uma concepção mais aprofundada sobre o controle da mente, conforme explica Moraes:

[...] A compreensão do sentido do mundo, incomunicável racionalmente, seria alcançada de modo intuitivo pelo domínio sobre si próprio, por meio de árduo treinamento

6 Essa separação virá a ser marcada no século XVI, com a reforma protestante da igreja católica.

7 Partes da escritura Shrutis hindus, que reflete sobre o *Rigveda*. Importante berço filosófico que deu introdução ao budismo.

8 Esses registros tornaram-se de conhecimento ocidental quando foram traduzidos do sânscrito para o latim, no século XIX, assunto qual será abordado adiante.

9 Tradição filosófica e religiosa originária do Leste Asiático que enfatiza a vida em harmonia com o “Tao” que significa caminho.

10 Bebida sagrada ritualística.

regular do corpo e da mente. A iluminação seria, então, uma bem-aventurança de ordem metafísica obtida pela autodisciplina e pelo autoconhecimento, indisponível para a maioria das pessoas. (MORAES, 2019, p. 227).

Compreende-se pela autora que os sutras de Patanjali¹¹, escritos em 400 a.C, no norte da Índia, apresentavam uma sistematização de dados precisos sobre como a compreensão do mundo poderia provir de uma calma interior, inteiramente religiosa.

Nesse período, a meditação torna-se uma prática muito frequentemente designada entre os xamãs¹². Não era necessariamente uma prática comum, o acesso se dava exclusivamente à aristocracia clerical, tanto do budismo quanto do hinduísmo, enquanto a população camponesa trabalhadora não possuía condições de dedicar seu tempo para alcançar o autoaperfeiçoamento. (MORAES, 2019).

A partir de então, as escritas confirmam que as técnicas meditativas fizeram parte de diversas tradições espirituais como o Budismo, Vedanta, Hinduísmo, Yoga e Taoísmo, com a finalidade de alcançar os chamados moksha (hinduísmo), nirvana (budismo indiano), ou satori (zen) (GOLEMAN, 1997). A primeira religião monoteísta surgida em 535 a.C., o Judaísmo, também adquiriu práticas meditativas não só cabalísticas, mas também de ordem Vipassana¹³. Posteriormente, ocorre influência de outras religiões monoteístas como o Cristianismo e Islamismo, apontando uma relação com as grandes religiões de impérios colonizadores.

Dando um salto na linha do tempo, no século XI, a meditação Sufi surge dentro de uma vertente mística do Islamismo, abrangendo as regiões do noroeste da África e do sudoeste asiático. Além das linhas religiosas que se abriram, a disseminação continental da meditação também se fez pela colonização territorial dos impérios asiáticos. (GOLEMAN, 1997).

Em 1300 d.C., os europeus cristãos viam a forma de vida tibetana como atrasada, bem como definiam os lamas tibetanos por "servidores de satã, hipócritas e falsos curadores" (SARRAZIN, 2017, p.63). Durante o século XV, com a "produção" da modernidade, o

11 Filósofo, escritor do livro Yoga Sutra, considerado o fundador da yoga.

12 Elite de especialistas religiosos que possuía o controle da mente e do corpo com finalidades espirituais e dedicação ao estudo dos textos sagrados.

13 Também filiada ao Rigveda.

orientado de fato se tornou – aos olhos eurocêntricos - um continente à margem do centro e reduzido às mercadorias de interesse do comércio europeu, principalmente as especiarias e manufaturados. Uma ilustração da visão eurocentrada pode ser identificada em Hegel (apud DUSSEL, 1993, p.20): “A Ásia desempenha um papel puramente introdutório, preparatório, infantil no ‘desenvolvimento’ da História Mundial”.

Por meio de Dussel (1993), pode-se dizer que o eurocentrismo é, basicamente, uma visão histórica do mundo que transforma o “ser” do “outro” em um “ser” de “si-mesmo”, uma conscientização que define a Europa como centro do mundo do capital e do poder. Este processo de constituição da subjetividade moderna do ego europeu naturalizou a permissão da invasão e da dominância de um sobre o outro, ao mesmo tempo em que inventa e oficializa o norte sobre o sul, o centro sobre a periferia, o ocidente e o oriente. É neste momento das navegações e invasões europeias que o autor temporaliza o “nascimento” ou invenção da modernidade, quando a Europa se afirma como “centro” de uma história mundial e que tudo o mais gira em torno dela.

A desvalorização e/ou satanização da prática meditativa pelo eurocentrismo pode ser notada com a reforma protestante da igreja católica no século XVI, a qual determinou a condenação da contemplação como heresia, em que esta seria um desvio do tempo de trabalho para as ostentações.

Os episódios da Reforma Luterana (século XVI) qualificava o pensamento europeu como superior e o elegia como hegemônico. Todas as cosmovisões não europeias (indígenas, afros e asiáticas) foram interpretadas como negativas, pagãs, satânicas e intrinsecamente perversas, justificando perseguição e extermínio. A Revolução Francesa (século XVIII) – criou condições de propagação do liberalismo econômico e dos ideais de igualdade, fraternidade e liberdade, embora apenas para as classes dominantes – impulsionando a subjetividade moderna eurocêntrica dominadora. (DUSSEL, 1993).

A concepção da modernidade considera que todos os “avanços” que ela representa constituem o resultado de um desenvolvimento natural do próprio “ser europeu”, sem levar em consideração a existência da América ou da África, ou melhor, construindo a perspectiva desses povos como anteriores em uma escala de

desenvolvimento, necessitando ser superada e alçada aos modos europeus, "civilizados" e modernos.

De acordo com Mignolo (2017, p.18), a modernidade ocidental tem em sua constituição um lado obscuro, a colonialidade: "uma matriz de poder que surgiu entre o Renascimento e o Iluminismo durante a colonização das Américas, e que está culminando com o neoliberalismo capitalista dos tempos atuais". A colonialidade, considerada pauta oculta da modernidade, é um conceito produzido pelo coletivo Modernidade/Colonialidade, cujo foco central de discussão é a ideia da modernidade e seus amplos desdobramentos sobre a natureza, os corpos e a produção de conhecimentos, a partir de invasões europeias de Abya Yala, Tawantinsuyu e Anahuac, com a formação das Américas e do Caribe e o tráfico maciço de africanos escravizados. (MIGNOLO, 2017).

A Ásia é reconhecida pela filosofia moderna apenas como o começo da história, mas permanece em um estado infantil e primitivo. Embora alguns intelectuais da modernidade, que viveram durante o século XVIII, admirassem a alteridade cultural, de fato nunca saíram do território europeu, portanto, não deixaram de transmitir o ponto de vista eurocêntrico. Diderot, Rousseau e Montaigne, de fato, dialogavam em suas obras sobre o valor que as culturas não europeias teriam para os próprios europeus. (SARRAZIN, 2017).

A subjetividade da modernidade cria abismos por meio de silenciamentos, produção de ausências e subalternizações entre as culturas que divergem dos padrões eurocêntrico-ocidentais. Crenças, religiões, opiniões e entendimentos intuitivos não fazem parte da verdade absoluta, apenas o conhecimento racional, científico, filosófico e teológico ocidental. (SANTOS, 2007, p.72 -73).

Durante o século XIX, o Tibete era visto pela maior preservação da espiritualidade budista tradicional, de população pacifista e espiritualizada. Essa preservação se daria por fatos geográficos e políticos devido à mínima influência da colonização ocidental.

Alguns pensadores influentes como Goethe, Borges, Emerson, Hesse, Tolstoi, Nietzsche, Schopenhauer, Bergson e Jung, apresentavam considerações orientalistas do budismo tibetano em suas obras (SARRAZIN, 2017). "De uma forma sucinta, esses autores contribuíram para a difusão dos aspectos da espiritualidade oriental independente do conhecimento religioso asiático, sustentado pelo conhecimento filosófico e científico." (SARRAZIN, 2017, p.64).

Contudo, as publicações que difundiam os conceitos e práticas de espiritualidade eram acessadas apenas pela classe social burguesa, o que fomentou a valorização da alteridade cultural entre a população de capital econômico elevado.

Murphy, Donovan e Taylor (1997), por meio de Menezes e Dell'Aglio (2009), dizem que a tradução dos livros em língua sânscrita para o latim no século XIX, bem como a busca por meditadores europeus e americanos em deslocarem-se para a Índia com o intuito de aprender diretamente no berço, também proporcionou uma maior expansão da técnica em todos os continentes.

Ainda no final do século XIX, mais precisamente em 1875, surge em Nova York a Sociedade Teosófica, fundada pela russa Helena Blavatsky e o americano Henry Ocolt. Projeto definido por ser a essência de todas as religiões e que resgataria as sabedorias escondidas pela modernidade racionalista ocidental, por meio do estudo das literaturas, religiões, filosofias e ciências orientais, bem como a importância dessas para a humanidade. (SARRAZIN, 2017).

A meditação, já bastante disseminada no ocidente durante o século XX, foi objeto de estudo de publicações literárias famosas. Com o domínio da China comunista no Tibete e a proibição da entrada de estrangeiros, o país ainda era o principal cenário para as histórias literárias sobre elementos da cultura oriental. Como exemplo, Sarrazin (2017) cita "O Livro dos Mortos", de 1927, escrito pelo estadunidense Walter Evans-Wentz e o livro "Místicos e Magos do Tibete", da francesa Alexandra David-Neel, publicado em 1929. Ambos os autores eram conhecedores da Sociedade Teosófica.

Em 1950, o escritor indiano Lobsang Rampa alcançou grande prestígio dos leitores e leitoras da América Latina, fator que contribuiu na construção do imaginário místico e esotérico sobre o oriente. Em suas publicações literárias, acusava o ocidente de ser cético e materialista e que não era capaz de aprofundamento em questões do espírito. (SARRAZIN, 2017).

Paralelamente às escritas literárias, Smith (1975 *apud* MENEZES, DELL'AGLIO, 2009), considera que, em 1936, iniciaram-se as discussões acadêmicas sobre o potencial da meditação e que o artigo mais antigo encontrado sobre o assunto

é datado de 1956, na base de dados da psycINFO. Wallace (1970) ressalta que esses primeiros estudos sobre meditação foram voltados para identificar a possibilidade de uma padronização de consciência comum entre os praticantes, a partir de um ponto de vista psicofisiológico e neurofisiológico, a qual foi possível provar por meio de uma mudança no sistema nervoso central e autônomo.

Liderado por Mahatma Gandhi, o movimento pacifista durante as décadas de 30 e 40 desencadeou o processo de independência da Índia e do Paquistão em 1947. As rivalidades entre hindus e muçulmanos retardavam o processo de independência ao gerar conflito e desorganização interna que favorecia o domínio da Inglaterra na região. Por meio de seu projeto de não violência, recorria a jejuns, marchas e à desobediência civil, ou seja, estimulava o não pagamento dos impostos e o boicote aos produtos ingleses (FRAZÃO, 2019).

A partir dos anos 1960, com o movimento *hippie* e contracultura, especialmente na Europa e Estados Unidos, a busca social por novas experiências, sensações, modelos de vida e formas de pensamento contribuíram para o pluralismo em valorizar outras culturas não eurocêntricas. A meditação passou a ser mais conhecida quando o criador da meditação transcendental, Maharishi Marash Yogui, começou a ser seguido pelos integrantes dos *Beatles*.

A ocidentalização de costumes e práticas do Oriente acaba por incorporar objetivos relativos ao individualismo, materialismo e ao capitalismo e a constituição de um mercado de consumo voltado a venda de aulas, produtos e acessórios, como uma *commodity*, desviando de aspectos culturais e espirituais que estão na base da meditação. Outro aspecto é a presença e participação majoritária de pessoas brancas em práticas advindas do Oriente, o que pode ser percebido, por exemplo, ao se fazer uma busca na *internet* para termos como: meditação e yoga. E, não menos importante, é a desvinculação dos componentes religiosos para fins laicos.

À medida que a meditação foi tornando-se conhecida pela sociedade, a ciência passou a estudá-la com maior ênfase. A ciência ocidental, como conhecimento propagador, desenvolve estudos com o intuito de aplicar o relaxamento da meditação no tratamento de sintomas psicoemocionais, como o estresse. O principal evento para o meio científico ocorreu pela fundação do

Instituto médico de Mente e Corpo, do cardiologista Benson no final da década de 1960, nos Estados Unidos. (MENEZES, DELL´AGLIO, 2009).

Vale destacar que, na esteira do pensamento decolonial, a Ciência compõe o cenário de "emergência" da modernidade, como um dispositivo colonial na esfera geopolítica do conhecimento.

Estudos experimentais feitos por Wallace, na década de 70, caracterizaram a meditação por ser um estado de consciência que difere da vigília, sono e sonho e que a prática ajuda no controle das funções fisiológicas involuntárias, ou seja, desacelera o metabolismo e reduz os níveis de ansiedade. (MENEZES, DELL´AGLIO, 2009).

Na mesma década, Davison, Goleman e Schwartz concluíram que quanto maior o tempo de prática maior é a capacidade de absorção atencional e diminuição de ansiedade, bem como a importância de se considerar algumas características psicológicas da pessoa antes, durante e depois da prática, além de mudanças duradouras. (MENEZES, DELL´AGLIO, 2009). Em 1979, Jon Kabat-Zinn desenvolveu no ocidente a meditação secular denominada *mindfulness* a partir de sua própria experiência como praticante do zen-budismo. (MORAES, 2019).

Nas décadas de 1970 e 1980 se espalha um movimento, *New Age* ou Nova Era, oriundo de comunidades religiosas ocultas e metafísicas, de praticantes de um esoterismo moderno denominado de gnosticismo. Este deu vazão ao rosacrucianismo e maçonaria, a teosofia e a magia ritual, já nos séculos XIX e XX.

Com o surgimento do movimento *New Age*, ainda nos anos 1970 nos Estados Unidos, o discurso sobre a necessidade de mudanças a respeito do materialismo da modernidade ocidental fez com que o interesse das pessoas pelo cuidado do corpo, mente e espírito aumentasse. A desinstitucionalização da religião também ganhou espaço para que fosse possível se apropriar de diferentes doutrinas e tradições escolhidas a partir de critérios pessoais.

As religiões orientais foram transformadas em valores diferentes daqueles regulados pelas instituições religiosas. Para os praticantes ocidentais de alguma espiritualidade oriental, não se tratava de pertencer à religião, mas de aplicar o que escolhe sem alterar suas crenças. Como exemplo clássico deste momento, o budismo passa a ser visto não mais como religião, mas como uma filosofia de vida. (SARRAZIN, 2017).

Na América Latina, o movimento apresentou a recuperação de culturas ancestrais como as danças astecas e terapias alternativas indígenas. Um meio de ressignificação de tradições nativas misturadas a novos elementos.

No Brasil, Lia Dinsk e Basílio Pawlowicz fundaram a Associação Palas Athena, em 1972, que promove programas e projetos socioeducativos e socioassistenciais para diversas instituições até os dias de hoje. (PALAS ATHENA, 2019).

Heelas e Woodhead (2005 *apud* MORAES, 2019), observam que houve um deslocamento dos valores estabelecidos nos meios familiares e institucionais para os valores internos baseados na consciência individual. A partir de então, a meditação não necessariamente seria só utilizada como estímulo espiritual, mas também para proporcionar paz psíquica, autonomia e reflexão. A concepção negativa sobre a modernidade se reflete no comportamento de busca por uma sabedoria ou conhecimento não moderno, que poderia resolver os problemas do pensamento moderno (racionalismo, individualismo, separação entre natureza e cultura, eurocentrismo).

No âmbito da pesquisa acadêmica, nos anos seguintes, a meditação continuou focada em tratamentos medicinais neurológicos e psicológicos frequentemente acompanhados de um discurso científico baseado nas comprovações laboratoriais realizadas especialmente nos Estados Unidos, que afirmavam os efeitos positivos da meditação. Tal perspectiva pragmática e racional tornou-se especialmente atrativa para pessoas formadas em um ambiente laico e contribuiu, certamente, para a assimilação de parte dos saberes budistas no mundo contemporâneo.

Devido ao reconhecimento científico e a divulgação midiática, a meditação tornou-se cada vez mais conhecida no século XXI. De caráter elitizado, é praticada predominantemente em círculos intelectualizados e de alto poder aquisitivo. Desvinculada de aspectos místicos, trata-se agora de uma técnica de concentração, capaz de ampliar a potencialidade cerebral, ou seja, atividade desejável para a saúde mental. Por consequência, a meditação passou a ser direcionada para a produtividade no trabalho, para evitar o adoecimento e obtenção de bem-estar. (MORAES, 2019).

Nessa busca por uma vida diferenciada, o oriente seria, no imaginário da alteridade ocidental, o oposto do ocidente, o

remédio contra o mal. A valorização da alteridade em um ponto de vista científico moderno desconsidera as diferenças culturais das comunidades asiáticas sustentadas por outra cosmovisão e insiste que as práticas religiosas autênticas sejam aquelas de espiritualidade universal, de concepção individualizada.

A contemplação asiática, quando transportada para meios urbanos ocidentais, recebe explicações científicas que lhe certificam uma racionalidade terapêutica. Submetida à análise de cálculos de eficiência e eficácia, transfere a meditação para a esfera cultural da saúde, possibilitando sua universalização como hábito saudável que independe do credo religioso (MORAES, 2019).

Sarrazin (2017), aponta que o próprio Dalai Lama, líder religioso do budismo Tibetano, acredita que todas as religiões possuem embasamentos comuns e permite que os demais religiosos conheçam a sabedoria espiritual budista, sem a necessidade de converter-se. Por tanto, as práticas meditativas têm o aval do líder espiritual budista para serem aplicadas em contextos não tradicionais. Porém, Sarrazin (2017) alerta que os conceitos anti-individualistas de Buda não são adotados pela grande maioria dos simpatizantes budistas, o que acarreta em uma adaptação às diferentes formas de crença que se dão na modernidade.

A meditação do século XXI no ocidente torna-se um dispositivo consumido pela sociedade moderna crítica de si mesma, como técnica universal capaz de solucionar desordens psíquicas provenientes das novas exigências do mundo moderno, de perspectiva individualista e produtivista.

As concessões do budismo em considerar as diferentes percepções socioculturais do mundo ocidental resultam em uma prática meditativa que pode ocorrer sem aproximação e conhecimento da condição histórica e social tradicional que formula sua essência, omitindo a origem da sua religiosidade e filosofia, bem como denotando uma apropriação ao não considerar suas origens. Os ensinamentos da cosmovisão oriental reconhecem a possibilidade de adaptações de acordo com a bagagem sociocultural de quem busca tal conhecimento. Porém, mesmo que adaptações possam ser feitas para melhor compreensão dos/as meditadores/as ocidentais modernos/as, o reconhecimento das sociedades milenares que construíram este legado deve acontecer, diferentemente do que tem acontecido ao desenvolvimento científico, que estuda a

técnica até esgotar toda a sua potencialidade de saúde, bem-estar e produtividade.

O tema de estudo, contextualizado em sua trajetória Oriente-Occidente, apresenta os primeiros registros até as práticas existentes no continente latino-americano. Para as análises de produções acadêmicas que têm a meditação como objeto de estudo, foram selecionadas aquelas que ocorrem no continente, no campo da Educação não formal, portanto, fora do âmbito escolar, envolvendo, por exemplo: centros de estudos meditativos, retiros de meditação, estudos religiosos, encontros em áreas livres da cidade, juntamente à yoga ou até mesmo individualmente em casa. (FERNANDES, GARCIA, 2019; GARCIA, 2005).

Os dados e as interpretações são apresentados na sequência.

O PERCURSO METODOLÓGICO E APRESENTAÇÃO DOS DADOS¹⁴

A parte inicial da pesquisa, de campo teórico, centrou-se em um estudo bibliográfico-documental sobre as considerações acerca da meditação como prática educativa (fora dos âmbitos escolares) a partir de levantamento de literatura no *Google Acadêmico* e de pesquisas acadêmicas nos portais do SciELO e da BDTD.

Com relação às pesquisas científicas encontradas com a temática da meditação, pôde-se observar que, em muitas delas, a área de estudo envolve as Ciências Médicas, Ciência e Religião e Ciências Humanas.

Na plataforma da SciELO foram encontrados 74 artigos relacionados à busca pelo assunto "meditação". Dentre estes, apenas 39 artigos de fato estavam relacionados à prática meditativa. Enquanto os demais se referiam ao significado de reflexão filosófica da palavra e, portanto, foram desconsiderados. Já na plataforma da BDTD foram encontradas 8 teses e 14 dissertações.

Para selecionar as leituras, tomou-se como critério inclusivo as publicações que articulavam discussões dentro do cenário latino-americano, no campo educacional, fora do âmbito escolar, no que poderia ser incluído no campo da Educação não formal. O critério de exclusão foi definido a partir da leitura dos resumos e palavras-chaves a partir dos filtros disponibilizados pelas plataformas de busca.

¹⁴ As abordagens e os instrumentos metodológicos utilizados obedeceram aos procedimentos estabelecidos para a pesquisa científica em Ciências Humanas, no campo da Educação, aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Na área de Ciências Médicas, as pesquisas correlacionam estudar a meditação em um âmbito de cura para patologias psicológicas ou fisiológicas. Foram encontrados 28 artigos (SciELO), 9 dissertações e 6 teses (BDTD) de ordem experimental que tem como objetivo analisar a prática meditativa como um tratamento terapêutico em pacientes portadores de vulnerabilidades psicológicas e fisiológicas e por essa razão foram excluídos. Apenas 1 artigo (MENEZES; DELL´AGLIO, 2009) foi selecionado para apresentar a revisão literária das investigações científicas, para então evidenciar neste trabalho a forma como a ciência moderna ocidental secularizou a prática meditativa:

No campo da Ciência e Religião, foram encontrados 4 artigos (SciELO) e 1 dissertação (BDTD) sobre a prática meditativa em um âmbito antropológico e teológico. Pesquisas que contemplam a meditação e sua relação com o corpo e a conexão com a divindade, dentro de grupos religiosos budistas, cristãos e hindus na América Latina. Foram selecionadas as 5 produções acadêmicas (SANTOS, 2018; SARRAZIN, 2017; PUGLISI, 2009, 2011; GRACIA, 2018), que exemplificam as formas como a meditação acontece na atualidade do continente, dando ênfase na construção da noção de pessoa.

Santos (2018) tem como objetivo a compreensão da forma como o budismo tibetano manifesta-se em uma sociedade individualista e de maioria cristã, especificamente em Brasília, tendo como foco a prática de meditação com visualização da divindade. A partir desta prática de meditação, analisar a eficácia que é construída ao redor dos mantras e demais signos envolvidos nesta meditação, sob a perspectiva de uma abordagem performativa do ritual. Por meio desta abordagem, prioriza a apreensão do modo como mito (pensar) e rito (fazer) interagem durante a prática de meditação com visualização de divindade.

Sarrazin (2017) propõe-se a fazer uma revisão crítica do interesse ocidental pela espiritualidade oriental à luz de algumas teorias sobre a modernidade. Em um primeiro momento, considera-se a transformação das representações ocidentais sobre o budismo e sobre o Tibete, local cuja cultura se assume como puramente budista. Em um segundo momento, demonstram-se as relações existentes entre esse fenômeno e as novas formas de crer, dominantes em um setor da população ocidental. Destaca-se, além disso, a importância de inscrever o fenômeno budista dentro do pluralismo

contemporâneo, que valoriza certa alteridade.

Puglisi (2009) tem como objetivo descrever e analisar uma prática característica de grupos argentinos devotos de Sai Baba, também conhecida como Meditação na Luz, uma performance ritual que contribui para ajudar a pessoa a alcançar seu objetivo espiritual fundamental (a fusão com Deus). Em outra produção, Puglisi (2011) tem o objetivo de examinar as representações simbólicas dos devotos argentinos de Sai Baba relacionados ao mantra "Om", percebendo como os significados são incorporados e experienciados na "comunhão ou na fusão com o todo", que é como as pessoas descrevem suas experiências.

Gracia (2018) tem o objetivo de explicar a maneira pela qual as representações da meditação da "Chave Mariana" como uma técnica terapêutica, de cura e autoaperfeiçoamento que opera sobre as emoções, a noção de "energia" e as formas de habitar o corpo, bem como em relação ao aspecto cosmovisional.

Nas categorias Ciências Humanas foram encontrados 9 artigos (SciELO), 5 dissertações e 1 tese (BDTD) que, de uma forma interdisciplinar, estavam relacionados aos campos da Sociologia, Filosofia, Antropologia, Artes e Linguística. De fato, a plataforma da SciELO não apontou com exatidão as subcategorias, porém, a partir da leitura dos resumos de todos os artigos encontrados foi possível fazer a seleção contando com os critérios indicados.

No que diz respeito à Educação, a pesquisa sobre a meditação também se pauta na interdisciplinaridade com a Psicologia. Foram encontrados 6 artigos (SciELO), 2 dissertações e 1 tese (BDTD) com o objetivo de aplicar a prática meditativa para crianças, adolescentes e universitários e analisar a probabilidade do aumento do rendimento intelectual durante as aulas. Por essas pesquisas estarem pautadas em uma Educação no campo do formal e que não faz a crítica a manutenção do sistema capitalista, patriarcal, hegemônico, colonial, ocidental, moderno, extrativista, foram desclassificadas.

Outros 2 artigos (SciELO) e 3 dissertações (BDTD) envolviam a prática da meditação em cenários eurocêntricos com grupos excluídos socialmente – presidiários e idosos - tendo o objetivo de se criar bom comportamento e qualidade de vida. A relação da situação em que o grupo estudado se encontra não se dá pelo mesmo sistema político e social da América Latina e também foram excluídos. Foi selecionado o artigo de Moraes (2019), cujo objetivo

foi discutir algumas transformações dos valores religiosos e sanitários que propiciaram o desencantamento das práticas contemplativas asiáticas, bem como possíveis afinidades com as demandas do capitalismo contemporâneo.

ANÁLISES DOS DADOS

A visão de que a meditação é um remédio compensador deturpa as origens desta prática, no que se convencionou chamar de Oriente a partir da ótica ocidental. Meditar é descobrir-se, desnudar-se para e por si mesmo e por si mesma e suas implicações podem ir além do ato de respirar profundamente.

Vislumbram-se também possibilidades de a meditação como experiência de autoconhecimento e percepção de si mesmo e si mesma, inserida nos espaços de convivência social, institucionalizados ou não (centros de estudos meditativos, retiros de meditação, estudos religiosos, encontros em áreas livres da cidade, juntamente à yoga ou até mesmo individualmente em casa) ser alternativa para algumas questões na Educação não formal, não com o sentido de solução, mas de proposta a ser somada junto a tantos outros esforços pela Educação.

Uma contribuição percebida pelos resultados das análises da pesquisa refere-se a assumir o campo da Educação não formal, tanto por meio da sociedade civil organizada (o terceiro setor) quanto pelos movimentos sociais, como colaborador potencial da transformação social e não exatamente ligado à manutenção do instituído. Entretanto, há que se considerar que muitos projetos e propostas de educação não-formal nascem para responder a intenções reformistas e de manutenção da situação vigente, mesmo que estejam presentes e perpassem em seu discurso intenções e ações que visem algum tipo de transformação social, ainda que não se explicitem, exatamente, em que âmbitos isso aconteceria (por exemplo: da ecologia, do racismo, do sexismo, da homofobia, do classismo, de forma interseccionalizada¹⁵).

No geral, as referências são da ordem do bem-estar mental, emocional e físico, com foco no aumento da atenção para o momento presente, diminuindo stress e ansiedade, emoções características do modo atual de se viver/existir.

¹⁵ Trata-se da articulação estrutural de diferentes formas de discriminação, opressão e exploração de acordo com Crenshaw (2002).

Há fortes indícios, a partir do referencial teórico, de que os dados apontam para um fortalecimento da postura a-política, de ausência ou incipiente engajamento direto, do sujeito em detrimento do social, que ajudam a fazer a permanência e reafirmação do *status quo*, isto é, dos pilares da Modernidade/Colonialidade.

Na perspectiva de Mignolo (2017), a civilização ocidental encontra-se enredada à matriz colonial do poder, por se tratar de uma lógica de viver e governar. Em suas palavras:

Estamos todos na matriz, cada nó é interconectado com todos os demais, e a matriz não pode ser observada ou descrita por um observador localizado fora da matriz que não pode ser observado – esse observador será ou o Deus da teologia cristã ou o sujeito da razão secular. (MIGNOLO, 2017, p, 10).

De outro modo, Altman (2020) compreende que o movimento Rajneesh, cujo mentor era Osho, arregimentou praticantes ao redor do mundo, especialmente oriundos da classe média, servindo para “[...] aliviar o sentimento de culpa e o desconforto pessoal em relação ao mundo capitalista, sem confrontá-lo (...)”, acentuando um “[...] individualismo nefasto, pois oferecia a quem tinha dinheiro e seus apaniguados a possibilidade de fugir do mundo, renunciando a transformá-lo.” (ALTMAN, 2020, s/p).

Com relação à meditação, as pesquisas no campo das Ciências Humanas ainda são incipientes, tanto de tipo qualitativo como qualitativo-quantitativo, talvez como reflexo da grande busca pelas terapias alternativas no campo das ciências médicas, que acumulam a maioria das publicações acadêmicas sobre as práticas meditativas.

Faz-se importante reconhecer as ações-reflexões-ações dos movimentos sociais que apresentam mudanças efetivas. Os movimentos pacifistas da década de 40 na Índia e na década de 70 nos Estados Unidos, por exemplo, são modelos de gretas que afirmam que a meditação e a cosmovisão coletiva podem ser ação política e social.

Outro fator importante que, também, carece de ênfase nos dados, é ressaltado por Walsh (2017), quando diz sobre a necessidade de se promover, enfatizar e articular, necessariamente, ação-reflexão-ação como intervenção, como modo de se ultrapassar a Modernidade/Colonialidade, em um engajamento político que vise, claramente, a mudança social, cultural, educacional (ou, no dizer dela, pedagógica) e, necessariamente, de modo coletivo.

CONSIDERAÇÕES

Diante do que o referencial teórico e o estudo bibliográfico apontam sobre a transposição e reajuste da meditação do Oriente para o Ocidente, bem como de seu uso em diferentes tempos e espaços e efeitos nos sujeitos e grupos que a praticam, buscou-se analisar o quanto estão alinhados a manutenção do *status quo* e não a sua superação, ainda que os discursos possam anunciar intenções transformadoras.

As práticas meditativas, escapando da apropriação capitalista, ajuda a enfrentar a Modernidade/Colonialidade e a buscar um modo de ser mais holístico, sem o pensamento de separação entre humanidade e natureza e demais binarismos. Isto se dá, especialmente, pelas contribuições da meditação como parte integrante de construção de um novo emocional e de biocentrismo, tão necessários para uma mudança cultural, assim como a afirmação da vida no planeta em respeito aos ecossistemas.

Essa contribuição se manifesta, mais ainda, pelas possibilidades de diálogo entre o campo da Educação não formal e a perspectiva decolonial, apontando um espaço para outras pesquisas e reflexões mais aprofundadas.

Compreende-se, que a meditação como prática educativa, opera em um campo de possibilidade de mudança social ao promover acesso a um emocional diferente, considerando a alteridade parte de um todo. Contudo, necessita-se do que Walsh (2013) chama de ação-reflexão-ação para poder ultrapassar a Modernidade/Colonialidade. Ao juntar os espaços potencialmente educadores com o engajamento coletivo das intervenções é que se abrem gretas nos muros da hegemonia.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Breno. Sobre o movimento rajneesh. Opera Mundi. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/diplomacia/65925/venezuela-denuncia-invasao-de-consulado-em-bogota-e-responsabiliza-governo-colombiano>. Acesso em: 01 fev. 2022.

CARPENA, Marina Xavier; MENEZES, Carolina Baptista. Efeito da meditação focada no estresse e mindfulness disposicional em universitários. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 34, e3441, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722018000100500&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 fev. 2022.

DUSSEL, Enrique. Conferência I: O Eurocentrismo. In: DUSSEL, Enrique. **1492**: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993. p.17-26. Disponível em:

<<http://enriquedussel.com/DVD%20Obras%20Enrique%20Dussel/Textos/35/1492.pdf>>

Acesso em: 01 fev. 2022.

FERNANDES, Renata Sieiro; MAZZA, Débora. A produção científica no campo da educação não formal: dissertações e teses no sistema de informação da BDTD. **Quaestio** - Revista de Estudos em Educação, v. 20, n. 2, 30 ago. 2018, p. 507-528.

FERNANDES, Renata Sieiro; GARCIA, Valéria Aroeira. Educação não formal no contexto brasileiro e internacional: tensões que perpassam a formulação conceitual. **Espaço Pedagógico**, v. 26, n. 2, Passo Fundo, maio/ago. 2019. p. 498-517.

FRAZÃO, Dilva. **Mahatma Gandhi**: Líder Pacifista. Ebiografia. 13 nov.2019. Disponível em:<https://www.ebiografia.com/mahatma_ghandi/> Acesso em: 01 fev. 2022.

GARCIA, Valéria Aroeira. Um sobrevôo: o conceito de Educação não formal. IN: FERNANDES, Renata Sieiro; PARK, Margareth Brandini (orgs.). **Educação Não-Formal**: contextos, percursos e sujeitos. Campinas, SP: UNICAMP/CMU; Holambra, SP: Editora Setembro, p. 19-43, 2005.

GRACIA, Agustina. Curación, cuerpo y emociones en la “Llave Mariana”: un abordaje antropológico. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v.38, n.1, abr. 2018. p. 136-158. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872018000100136&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 01 fev. 2022.

GOLEMAN, Daniel. **A mente meditativa**: as diferentes experiências meditativas no oriente e no ocidente. São Paulo: Editora Ática. 1997.

JOHNSON, Willard. **Do xamanismo à ciência**: Uma história da meditação. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 fev. 2022.

MENEZES, Caroline Batista; FIORENTIN, Bruna; BIZARRO, Lisiane. Meditação na universidade: a motivação de alunos da UFRGS para aprender meditação. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 307-315, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 fev. 2022.

MENEZES, Carolina Batista; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Os efeitos da meditação à luz da investigação científica em Psicologia: revisão de literatura. **Psicologia ciência e profissão**. Brasília, v. 29, n. 2, 2009. p. 276-289. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200006&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 01 fev. 2022.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade. O lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [on line] vol. 32. n° 94 junho/2017. e329402. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf> acesso em: 10 ago. 2020.

MORAES, Maria Regina Cariello. O desencantamento da meditação: da união mística ao fitness cerebral. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v.39, n.1, abr. 2019. p. 224-

248. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872019000100224&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 01 fev. 2022.

PALAS ATHENA. **PALAS ATHENA INSTITUCIONAL**. Disponível em: <www.palasathena.org.br> Acesso em: 01 fev. 2022.

PUGLISI, Rodolfo. La meditación en la Luz Sai Baba como performance ritual: acceso corpóreo-experimental a dios. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v.29, n.1: 2009. p. 30-61. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872009000100003&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 01 fev. 2022.

PUGLISI, Rodolfo. La performance del Om en grupos Sai Baba argentinos: un caso de fusión cuerpo-mundo. **Sociedad y religión**, v.21, n.36. 2011. p. 9-36. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-70812011000200002&lng=es&tlng=es> Acesso em: 01 fev. 2022.

RAHAL, Gustavo Matheus. Atenção plena no contexto escolar: benefícios e possibilidades de inserção. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 347-358, ago. 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572018000200347&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 fev. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 79, nov. 2007, p.71-94. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2022.

SANTOS, Caio Capella Ribeiro. **A morada do Lótus**: a prática de meditação em um Centro Budista de linhagem tibetana localizado em Brasília. 2018. 162 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SARRAZIN, Jean Paul. Budismo universal, budismo individual: Análise do crescente interesse ocidental pela espiritualidade oriental. **Escritos - Fac. Filos. Let. Univ. Pontif. Bolívar**. Bogotá, v.25, n.54. jun. 2017. p. 59-81. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-12632017000100059&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 01 fev. 2022.

WALLACE, Robert Keith. **The physiological effects of transcendental meditation**: A proposed fourth major state of consciousness. *Scientific Research on the Transcendental Meditation Program: Collected Papers*, v. 1, p.43-78, 1970.

WALSH, Catherine. Introducción, Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos. In: **Pedagogías decoloniales**. Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir, Tomo I. Quito: Abya Yala, 2013.

WALSH, Catherine. Gritos, gritas y siembras de vida: Entretejeres de lo pedagógico y lo decolonial. In: **Pedagogías decoloniales**. Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir, Tomo II. Quito: Abya Yala, 2017.

Submetido em 05 de fevereiro de 2022

Aceito em 15 de março de 2022

Publicado em 04 de abril de 2022

